



RIO DE JANEIRO.

RIO DE JANEIRO.

7.º

ENTRE outras bellas estampas do Panorama do Rio de Janeiro, preferimos para ser gravada em madeira a que está á vista, não tanto pelo que deixa ver da cidade [que alem de ser mui pouco é do mesmo bairro a que se referem as estampas dos artigos 1.º e 4.º] mas somente pela idéa geral que por ella se obtem da sua situação em respeito á enseada e á barra. Esta ultima se distingue perfeitamente ao meio aberta entre montanhas: as da esquerda rematam com o *Pico*, que afocinhando para o mar tem no cabo quasi ao nivel d'elle a fortaleza de San-

ta-Cruz, junto da qual ha bastante fundo para os navios chegarem á falla, quando entram e sahem. No meio da barra ha uma fortaleza ilhada, rasa com o mar que a divide em dois canaes, sendo o mencionado de Santa-Cruz o mais fundo. Outra fortaleza, denominada de S. João, construida no promontorio fronteiro mais proximo, da banda d'aquem, cruza os fogos com aquellas duas, e concorrem reciprocamente á defesa. Ao mencionado promontorio, que hoje toma o nome da fortaleza, chamavam os antigos *Cara de Cão*, talvez por alguma extravagante parecença que elle de longe mostrasse com o focinho do fiel companheiro do homem. — O notavel Pão d'Assucar, que parece levantar-se quasi a pino do fundo do mar, já fica verdadeira-

2.ª SERIE — VOL. III.

mente fóra da barra, e por isso na estampa apparece em parte encuberto. Sobre o seu cabucho pou-sam muitas vezes nuvens, e é por isso elle um excellente barometro, porque se regulam os habitantes da cidade, para saber se o tempo está duvidoso a respeito de chuva, sendo quasi certo que a não ha, quando o Pão d'Assucar se descobre claro e bem contornado. — A barra do Rio de Janeiro, como d'outra vez dissemos, é de noventa braças de largura: não precisa de piloto ou pratico para ser entrada, pois é perfeitamente limpa, e para qualquer navio entrar seguro basta que o marinheiro do leme o vá resguardando do que estiver á vista: porquanto não ha ahí como na maior parte das barras perigos occultos debaixo d'agua, v. gr. cachopos, recifes, parceis, restingas ou bancos d'arêa. É naturalmente nunca os haverá; pois não existindo os primeiros, também podêmos julgar que os ultimos jámais se formarão; porquanto se bem que o arroteamento contínuo das encostas vertentes para a bahia conduzam a ella terras e arêas que lhe entupem o fundo, todavia é tão grande a massa d'aguas contidas na capacidade da mesma bahia a deverem coar-se no refluxo da maré para o oceano por uma boca tão estreita e vice-versa, que é de suppor se conserve sempre o fundo do estreito canal varrido de arêas, como agora. Por outro lado também não deve haver receios de que as correntes ao longo da costa para o sul ou para o norte promovam exteriormente a criação de *cabedellos*, nesta foz, que por um lado se acha defendida por todo o paredão de morros que chega até Cabo-Frio; e por outro pelos salientes quebra-mares ou barreiras naturaes da *Copa-Cabana*, e em segundo lugar do *Leme*, se acaso a arêa chegasse a passar daquella paragem, onde toda hoje se amontoa, e onde conviria talvez desde já começar a segurá-la pelo meio conhecido das sementeiras d'arvores proprias dos terrenos areentos, que ahí poderiam ser as palmeiras carnaúbas, ou os mesmos coqueiros da Bahia, se os pinheiros dos usados na Europa, ou d'outra especie mais apropriada ao clima, não crescessem bem (*). — Fóra da barra existem varias dessas ilhas de granito que cobertas de uma vegetação tropical se levantam dentro e fóra da enseada marchetando este verdadeiro paraíso aquatil: são as principaes dellas, começando de leste, *Paio e Toucinhos*, *Cotindiba* proxima ao Pão d'Assucar, e exactamente ao sul desta a *Rasa*, com um farol [de movimento circular, luz cambiante branca e vermelha, e eclipses de cinco minutos], seguindo-se as das *Palmas*, *Redonda*, *Comprida*, &c. —

Tornando a entrar no porto, de que por um momento nos apartámos para contemplar a sua entrada, e dobrando o pontal da fortaleza de S. João, encontra-se o ameno seio que se engolfa pela terra, a formar uma praia circular, que vemos hoje toda guarnecida de casas habitadas. Chamou-se primeiro de *Francisco-Velho*, nome do colono que ahí tinha sua vivenda, e depois mudou para praia do *Botafogo* que igualmente era um nome de familia talvez de algum outro sesmeiro, ou de herdeiro do mesmo Francisco-Velho, ou quem sabe se delle mesmo, que poderia ter mais esse nome. Á borda do mar segue-se áquem a praia do *Flamengo*, igualmente hoje guarnecida das melhores casas, — a pittoresca *Gloria* terrestre [como lá se chama], cu-

(*) Poderia servir a tal respeito de melhor guia o livro que escreveu o bem conhecido sabio José Bonifacio d'Andrada — *sobre o plantio de novos bosques em Portugal*.

ja igreja está na encosta, — o alto e o convento de Santa Thereza, com seus desafogados passeios á mãi d'agua; — e o aqueducto, vendo-se por uma quebrada artificialmente imaginada no muro da cêrca; isto tudo á direita da estampa: e o Passeio Publico ao meio; o convento da Ajuda e parte do morro do castello e a ilha de Villagalhão á esquerda; objectos todos que por já descriptos passaremos ora por alto para nos irmos com mais vantagem occupar dos factos notaveis presenciados por essas aguas chamadas nos primitivos tempos historicos Rio de Janeiro, nome que aliás hoje só compete á cidade e á provincia: antes porem de lá irmos deixaremos registado em elogio desta paragem, deveras sublime, as expressões de um viajante estrangeiro, já que quaesquer outras substituidas por nós, embora no mesmo sentido, poderiam ser lidas com mais alguma reserva pelos que soubessem serem ellas de um nativo dos sertões de S. Paulo, que só no Rio começou a abrir os olhos da razão, e que amando, como deve, com ardor o seu paiz natal [onde só tem encontrado auxilio, estimulos, e amigos] não pôde deixar de ser dado por suspeito. Ouçamos pois o allemão Mauricio Rugendas: «Pôde ser que em todo o universo não exista outra situação como a do Rio de Janeiro que offereça nas suas paizagens bellezas tão numerosas e variadas, assim no que respeita á fôrma grandiosa das montanhas, como aos contornos das plagas. — A multidão de suas bahias e promontorios produz uma variedade interminavel de pontos de vista para a cidade, para as montanhas, para a enseada e suas ilhas, e até para o oceano. A riqueza e a variedade da vegetação não são somente. Restam nas immediações da cidade grupos de grandes arvores das florestas virgens que cobriam outrora todo o seu solo: nos valles mais distantes e nas abas dos morros menos escarpadas, estes grupos se convertem em bosques de maior extensão, para cima dos quaes avultam os pincairos das rochas descarnadas. — Perto da praia os montes e os valles appresentam chacaras dispersas sombreadas por deliciosos e floridos arvoredos de plantas dos tropicos, e para acabar o quadro da vegetação do paiz, descobrem-se áquem e alem algumas esveltas palmeiras e samambaias palmares.»

Que este porto, sem contestação dos melhores do mundo em segurança e magnificencia, foi descoberto muito antes da navegação de Martim Affonso, como piamente se cria, é assumpto sobre que já não pôde haver duvida depois do conhecimento do roteiro de Pero Lopes — e das relações dos que acompanharam Fernam de Magalhães, que como sabemos ahí entrou em 13 de dezembro de 1519, e lhe deu o nome de *Bahia de Santa Luzia*. Diz Herrera que antes deste chamavam os portuguezes a esta, bahia ou rio de *Janeiro*. Se bem que era muito commodo aceitar de tão insuspeita auctoridade uma epocha mais remota para a explicação do nome *Rio de Janeiro*, nós mais amigos da verdade do que de glorias vaãs, que naquella claramente se não firmam, estamos sufficientemente prevenidos de documentos que nos levam a crer que o nome anterior dado a esse porto, conhecido talvez logo desde 1502 pela primeira expedição exploradora que seguiu Cabral, [expedição que decidiu não ser uma ilha (**)] a nova terra da Vera-Cruz] era um mais exacto do que o de Rio; era o de *Bahia de Cabo-Frio*.

(**) E' errado dizer-se que essa verificação fóra feita por Gaspar de Lemos quando voltava a dar parte do descobrimento a elrei D. Manuel em 1500. No Regimento da-

O certo é que antes de ahí chegarem os Solis e os Magalhães que partiram de portos de Castella em 1515 e 1519, achámos nós em 1511 o dito porto visitado com aquelle nome, e sem se fazer nelle reparo algum, como se fosse uma cousa mui conhecida e de trivial frequencia para os armadores do páu-brazil, que eram os que então mais navegavam aquella costa, e porto. Dá-nos estes esclarecimentos um importantissimo manuscripto que ultimamente tivemos a fortuna de achar, e que tencionámos dar á estampa: é o livro autographo do que se passou com uma náu só que foi commandada por Christovam Pires, levando por piloto o mesmo João Lopes de Carvalho que depois foi com o Magalhães, e que até nestas paragens levava cargo do farol na náu Conceição [Navarrete Doc. XXI pag. 203 do Tom. 4.º], e escripto por Duarte Fernandes que era escrivão da náu. Contem esse livro, 1.º o roteiro da viagem, do qual consta que Christovam Pires partiu de Lisboa aos 22 de fevereiro de 1511, e depois de passar pelo Rio de S. Francisco e Bahía de todos os Santos, chegára ao porto de Cabo-Frio, onde estivera dois mezes, e voltou para Lisboa, em cujo porto entrou justamente oito mezes depois que o tinha deixado, tendo gasto tres delles em torna viagem. 2.º o registo do capitão e mais companhia, do qual consta que o destino da náu era já para o conhecido porto de Cabo-Frio, aonde estava um feitor chamado, ao que parece, João de Braga, e havia uma feitoria n'uma das ilhas, da qual não era permittido á tripulação sabir; ordenando-se ao capitão que não deixasse ir ninguem á terra firme para lá não ficarem «como algumas vezes já fizeram, que he cousa muito odyosa ao traucto e serviço do dyto Snor» (::) — ordena tambem o melhor trato possivel á gente da terra, e que não tragam della ninguem que a isso se offereça para vir ao reino — «porque se allgũs qua falleçem cujdãdam eses de lla que os matam para os comerem segũdo antre elles se costuma» — tambem se recommenda a menor demora possivel na torna viagem, a fiscalisação do brazil, &c. &c. — 3.º — segue-se a lista da tripulação constante ao todo de 35 pessoas — 4.º — o livro da carga de brazil que começou a entrar a 12 de junho e continuou até 24 de julho, recebendo mais de cinco mil páus — 5.º — a nota dos escravos indios que *resgataram* e trouxeram em pouco maior numero do que os indivi-

duos da tripulação — 6.º — outra dos gastos, papagaios, tuins, macacos, saguins, &c. — e 7.º — finalmente uma especie de auto de averiguação de certa ferramenta que desaparecera furtada.

Entrámos um pouco mais minuciosamente nesta noticia do que talvez conviria a este jornal, porque a achámos de muita importancia, e na duvida da demora que ainda terá a nossa publicação não quizemos deixar o leitor em anciedade sobre o que o manuscripto encerra de essencial.

*

No art. 5.º — onde diz = *Après nous du déluge* = deve ler-se = *Après nous, le déluge!* =

PREVENÇÃO DAS EXPLOSÕES NOS BARCOS A VAPOR.

N. B. O Sñr. Pedro Celestino Soares, levado do amor da humanidade, que tamanhos desastres tem soffrido por causa das explosões das caldeiras nos barcos de vapor, desejando dar a maior publicidade ao meio que propõe para os evitar, nos pede a inserção do presente artigo, convite a que accedemos com todo o gosto.

ENTRE os meios imaginados para prevenir as explosões das caldeiras das machinas a vapor, e que a lei, em França, torna obrigatorios, existe um que exige o conhecimento exacto da verdadeira temperatura em que o vapor da agua adquire uma força expansiva dada. A academia das sciencias de Paris, que foi consultada a este respeito, conheceu a necessidade de emprender novas experiencias para estabelecer esta relação sobre resultados determinados, e em grande escala; e o governo [note-se bem] deu os fundos necessarios para taes trabalhos, que foram encarregados a M. M. Dulong, e Arago.

M. Lamé, lente de physica da eschola polytechnica, diz, que as experiencias em questão são de transcendente importancia na theoria physica do calor, e dos gazes; e alem disto, que fornecem dados indispensaveis ao emprego do vapor da agua como força motriz; mas que a respeito do meio de segurança, que as mesmas experiencias tinham por fim estabelecer, e regular, mostra a pratica diaria a sua insuficiencia e inconvenientes, e faz presumir que não tarda o abandoná-lo.

Os limites que comprehendem a força elastica do vapor, que se póde empregar nas machinas, exigiam que as observações chegassem, pelo menos, a 20 atmospheras; porque até então não haviam excedido a 8. E posto que, alguns observadores tivessem empregado para avaliarem as forças expansivas uma valvula carregada com um peso, de modo que podesse resistir ao esforço do vapor, e que este processo fosse de facil execução, tambem podia occasionar erros graves; e portanto decidiram-se a empregar um meio mais trabalhoso, porem muito mais exacto, para medir directamente a columna de mercurio que se equilibrasse com a elasticidade do vapor. A adopção deste processo, que parecia muito simples, appresentou grandes difficuldades na sua execução; porque foi necessario construir um tubo de vidro capaz de conter uma columna de mercurio de 20 a 25 metros de altura.

Não mencionarei os meios, tão engenhosos como difficeis, que se empregaram para obter com 13 tubos de cristal, do longor de 2 metros cada um, aquelle com que se fizeram as experiencias; tão pouco mencionarei a construcção do manometro,

do ao commandante de uma das primeiras armadas que seguiu para a India depois do mesmo Cabral, e quando a nova era conhecida, vem ella designada sob o nome de Ilha da Cruz. Desse Regimento que se acha na Casa da Corôa do R. Arch. Arm. 11, Maç. 1.º n.º 20 das Leis s. d., e deve referir-se ao anno de 1502 ou 1503 como dissemos em uma nota de uma cópia que delle demos para a Sociedade Maritima, transcreveremos o periodo que nos elucida:

«E tomando ay na dita costa de Beseguiche a dita aguoã ou nam a tomando se pollos tempos uos nam seruirem tam bem que teusesis necessidade dalguma mais aguoã que esperamos em noso Sñr. que nam seja emtam quando asy se vos achases pollo caminho que fizerdes tanto chegado a Ilha da Cruz e poderes hyr a ella e hy tomar a aguoã e lenha que vos comprir e dhy fazerdes vosso caminho em boa ora ainda que hyrdes a dita Ilha ou nam hyrdes leixamos a uos que acerqua disso facaes o que mais nosso serviço vos parecer e segundo a necessidade em que da dita aguoã vos achardes porque quando esta hy nam onuesse e foseys abastados pera com a que leuasees vos poderdes poer da banda dalem do cabo aueramos por escusado tomardes a dita Ilha da Cruz por vos nam deterdes nem fazerdes em voso caminho demora alguma.»

(::) Quem sabe se nestas referencias já se comprehendem João Ramalho e Caramurú.

*

&c., &c.; e a collocação, e trasladação de todo o aparelho para taes experiencias; pois que julgo bastante o que já expendi para se avaliar aproximadamente a grande despeza, a que se prestou o governo francez para um fim, que, posto não chegou a conseguir, o acreditou sobremaneira.

Este exemplo faz geralmente esperar, que outro qualquer governo se decidirá a fazer um menor sacrificio para o mesmo fim, logo que se lhe demonstre a possibilidade de o conseguir; e consequentemente me induz a publicar em seguida o meio d'evitar os resultados funestos das explosões das caldeiras das machinas a vapor, que equivale ao fim em questão; restando-me assim a convicção de haver contribuido, quanto em mim cabe, para afastar este mal do meu paiz.

Sendo as laminas de ferro, das caldeiras das machinas a vapor, construidas especialmente para apresentarem em todos os seus pontos uma resistencia uniforme, e superior á força que se gera nas mesmas caldeiras; e sendo esta resistencia devida á união reciproca, e consecutiva, dos pontos das laminas; julgo ocioso demonstrar, que a inferioridade de resistencia, accidental, ou não accidental, de um destes pontos é que occasiona immediata e successivamente a mesma inferioridade em todos os outros, e a consequente explosão da caldeira. Ora se a caldeira estiver cintada com faxas de ferro, dispostas equidistante e perpendicularmente entre si, de modo, que cada uma das partes das laminas comprehendida entre os quadrados, formados pelos cruzamentos das faxas, tenha, quando muito, ametade da resistencia de uma das outras partes das laminas assim reforçadas; é evidente que a força do vapor nunca chegará a equilibrar-se com a dupla resistencia destas partes; porque para chegar a esse gráu deveria ser contida por uma resistencia [a das partes das laminas singelas] igual á ametade daquella mesma força, o que é manifesto absurdo; e portanto, no caso de explosão, esta se effectuará sempre por um, ou alguns, dos intervallos das faxas, que, em consequencia do artificio proposto, se tornarão, quasi, outras tantas valvulas de segurança, apenas com a differença de terem estas um anel que reforça a ruptura por onde sahe o vapor, e as outras um caixilho rectangular. Por identidade de razão se deduz, que se poderá determinar exactamente a parte da caldeira [a superior por mais conveniente] onde terão logar as explosões, fazendo que a resistencia dessa parte seja inferior á das outras da mesma caldeira. E como é factó conhecido, que qualquer quantidade de agua reduzida a vapor occupa um espaço 1700 vezes maior sob a mesma pressão atmospherica, poder-se-hão empregar caldeiras de pequenas dimensões para se fazerem as experiencias, e obter-se assim a possivel economia neste processo.

Persuado-me haver demonstrado a possibilidade de se conseguir, por este meio, o fim a que me propuz; e só me resta lembrar a conveniencia de se encarregar a alguns de tantos homens illustrados do nosso paiz, a tarefa de o verificarem com as necessarias experiencias, e estabelecerem assim, sobre bases infalliveis, as regras geraes, que ao governo cumpre [na minha humilde opinião] mandar rigorosamente executar na construcção das caldeiras das machinas a vapor, sob a pena, no caso de infracção, de não poderem ser empregadas taes machinas em serviço algum.

Pedro Celestino Soares.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

20.º

A apparição.

E ESTE homem singular, tão elevado pelo destino, milagrosamente escapo, tão poucas horas havia, de tres grandes perigos, e dois inimigos poderosos, experimentava aquelle sentimento de alegria que sente o vencedor de uma batalha campal. Mas não era como o capitão descuidado que adormece sobre os louros. Conhecia a crise da sua situação; concentrava em si todas as faculdades da intelligencia e da vontade; meditava; passava revista ao numero dos seus combatentes, e á qualidade delles. Visitava mentalmente as fortalezas e castellos do condado; calculava como este seria inexpugnável; quanto tempo poderia resistir o outro; que dias poderiam manter a sua voz as obras exteriores; que dias a torre de menagem; se um precisava reforçada a guarnição; se outro a tinha sobeja, e podia dispensar parte; se conviria atalhar o passo do inimigo em algum desfiladeiro; se deter-lhe a marcha no vadear de algum rio com tropa postada á margem contraria. Depois passava a ensaiar os seus planos estrategicos, e com um jogo de xadrez que tinha diante de si, começava a armar duas batalhas. Combatia assim, sem alterar as regras do jogo ou as evoluções das differentes peças; salvo no transformar em cavalleiros algumas dellas, porque os cavalleiros eram então o nervo e fundamento da milicia.

Se chegava a dar xaque ao rei da batalha opposta, ou a pô-lo em grave risco, animava-se-lhe então a physionomia d'uma inspiração heroica, accendiam-se-lhe os olhos n'um brilho extraordinario, e a mão convulsa tremia-lhe de prazer.

Comtudo as illusões do jogo não o embafam: tinha posto diante de si, sem dissimula-lo, o problema escabroso da sua situação: não disfarçava, multiplicava os recursos dos seus inimigos; elle mesmo lhes forjava expedientes; e, capitão prudente, esquadrinhando meio de sabir-se com gloria da proxima lucta, não contava só com Ramiro, contava com o calipha, e em vez de dois ataques isolados, dispunha-se para rebater uma invasão simultanea e combinada dos seus dois adversarios. Se movia a rainha, lembrava-lhe a mulher dos seus pensamentos. Se o rei, avivava-se-lhe mais o plano predilecto da sua ambição. Ainda áquella hora não tinha elle perdido inteiramente a tenção de coroar-se rei no dia seguinte. Para isso nada lhe faltava senão decidir-se. Os proprios officiaes e dignitarios que costumavam compôr a côrte dos monarchas visigodos, e eram quasi os mesmos que então ornavam as dos reis de Leão e Navarra, haviam já sido nomeados por elle para a solemnidade do dia immediato. E até entre os gritos, vivas, e cantigas patrioticas da multidão durante a tarde, alguns lhe tinham chegado aos ouvidos que pareciam como um incitamento e convite a realisar os desejos delle.

Nesta fadiga de espirito, ia a noite muito adiantada. Aquelle mesmo rumor que costuma durar nas cidades até a horas tardias, tinha inteiramente sosegado. Reinava o silencio fóra. Dentro do palacio tudo callava e dormia. E o proprio conde vencido do cansaço procurava repousar; quando lhe pareceu sentir ruido de passos dentro do edificio. Applicou o ouvido; sentiu-os já proximos á porta do

quarto, e percebeu como um rugir de vestes arrastando pelo chão. Apoderou-se d'elle um tremor involuntario. A espada, que tinha cingida, e que jurára nunca mais largar de si depois do que lhe havia acontecido com o supposto romeiro, nem teve accordo para arranca-la. Cessou o ruido dos passos. Mexeram então na porta. Levemente a empurraram. Abriu-se, e entrou.

Nós sahimos. Mas onde iremos a estas horas? A um dos quartéis militares do burgo.

O quartel.

Ora eis-nos aqui n'uma vasta palhoça com os muros de tijolo, e o tecto de giestas. Seis lanternas alumiam escaçamente aquella quadra. Aquelle grupo de bésteiros, que acolá estão, jogam a pares ou nones com mancheias de azeitonas. Estes aqui correm dados. Aquelles, mais adiante, conversam e riem; referem suas aventuras na guerra, e suas fortunas de amor. Olhai como est'ontros rezam devotamente suas orações, e como os seus vizinhos nem rezam, nem riem, nem jogam, porque dormem socegados — somno feliz de soldado! A sua cama *vil-lañ* de todos elles é uma pouca de palha.

Mas quem é aquelle *aristocrata* que acolá está sósinho, e mais bem agasalhado do que os outros, porque jaz sobre uma esteira de tabúa? É o almocadem.

E o almocadem, que não dormia, e que não tinha em que entreter-se, enfadado de estar só, disse para o rancho:

— Ó camaradas, vejo que estais acordados; que-reis ouvir um conto?

— Prompto, nosso almocadem, prompto! [Responderam a uma voz todos os que não dormiam].

— Pois chegai-vos para aqui. Vieram-se todos chegando, e arranjaram-se em volta do almocadem, uns deitados de costas, outros deitados de ilbarga, e alguns sentados com a cara encostada á mãos, os cotovelos apoiados nos joelhos, e os olhos arregalados.

O almocadem começou:

— Era uma vez um almogavar de Castella: mas aquillo, camaradas, era um chibante como se quer! Cama? Qual cama! Era de verão e de inverno dormir ao relento sobre a terra nua. Todo elle dos bicos dos pés até á cabeça estava vestido de pelles — çapatos de pelles, barrete de pelles — todo coberto de pelles. Armado? Isso então não é dizer! era lança, era espada, era punhal, era facha de armas, era tudo, camaradas. Pois casmurro? Casmurro até alli: eram ameixas de conserva para lhe sacar do bucho uma palavra. E altura! que gigante, camaradas, que gigante! Estais certos na torre de S. Lourenço. Ora fazei de conta que a torre está aqui de frente de vós; pois se aqui estivesse o almogavar, era mais alto que a torre!

— Pois o almogavar era mais alto que a torre, nosso almocadem! [Exclamaram alguns bésteiros, uns benzendo-se, e outros soltando juras para exprimir a sua admiração].

— Se era mais alto que a torre! Tinha ainda por cima uns bons tres palmos craveiros. Novas exclamações de admiração no auditorio.

— E então com umas barbas! . . . [continuou o almocadem] aquillo é que eram barbas, camaradas! Mas só tinha um defeito: o almogavar era torto.

— Que pena, nosso almocadem, que pena! Com que o almogavar era torto?

— Está bom! está bom! . . . Era torto como Judas.

— Mas isso era de nascença, ou tinha sido bruxaria, nosso almocadem? Perguntou um dos bésteiros.

— E era torto só de um olho, ou d'ambos? Perguntou outro bésteiro.

— Leva rumor, senão . . . parto-lhe os queixos com um sóco [retrucou o almocadem, impaciente com tanta interrupção].

Restabelecido o silencio, proseguiu o almocadem:

— E vai então, camaradas, era um dia de batalha; e o nosso almogavar estava na batalha; e a batalha era n'uma planura; e ao pé da planura havia um pequeno monte; e pela parte de traz do monte estava um despenhadeiro, um despenhadeiro que fazia andar a cabeça á ródá olhar lá para o fundo; e no fundo do despenhadeiro corria uma torrente. . . . Mas onde estavamos nós? . . . Ah! Estavamos na batalha.

— Vai senão quando sahe das fileiras um cavalleiro, e arremette para o almogavar. Mas que cavalleiro, camaradas! Era dois covados bem medidos mais alto que o almogavar, e o cavallo, em que vinha, á proporção. E o peor não era isso, camaradas; o peor era que o cavalleiro tinha nos olhos e na figura o que quer que fosse que mettia pavor!

— Poder de Christo! [exclamou um dos ouvintes]. E então o almogavar não se assustou, nosso almocadem?

Tó, carapuça! [replicou o almocadem]. Foi então que o nosso chibante alargou o folego.

— E que fez elle, nosso almocadem, que fez elle?

— Que fez elle! . . . Entrou a recuar. O cavalleiro a avançar, e elle a recuar, a recuar, a recuar até que chegou ao pé do monte. E depois de chegar ao pé do monte recuou, recuou, recuou que estava já na aresta do despenhadeiro. . . . Já não podia recuar mais. . . .

— É certo, nosso almocadem, é certo; já não podia recuar mais.

— Porque se elle recua mais a largura de uma mão travessa, ia pelo despenhadeiro abaixo, e chegava lá ao fundo feito em pedaços.

— E a esse tempo onde estava o cavalleiro, nosso almocadem?

— O cavalleiro tinha apenas galgado metade do monte.

— Então o cavalleiro sempre ia muito de vagar, nosso almocadem? Que diabo teria o cavalleiro!

— De vagar! Qual de vagar? Ia á desfilada.

— Então se ia á desfilada como é que elle não apanhou o almogavar?

— Pois tu não ouviste, bruto, que o almogavar era castelhano! tu não sabes, animal, que um corredor castelhano tem azas nos pés, e corre mais para traz do que um cavallo á desfilada corre para diante!

— Não me lembrava, nosso almocadem, não me lembrava que o almogavar era castelhano [respondeu o bésteiro confuso e envergonhado no meio dos sorrisos e dichotes dos outros bésteiros que escutavam].

— Pois o almogavar era castelhano, e como eu ia contando, estava já á borda do despenhadeiro. E o cavalleiro que vinha crescendo para elle estava já a tão pouca distancia do almogavar como é o cumprimento de duas lanças. Vai que ha-de fazer o almogavar? [Neste ponto interessante da historia, os

bésteiros arregalaram ainda mais os olhos, e colheram de todo a respiração, anciosos pelo desfecho. Mas foi n'esse mesmo ponto que o almocadem repentinamente exclamou]:

— E então não me esqueceu o resto da historia! Estou estragado da memoria! . . . Ah! . . . Nada, não vou para diante; pararam de todo as rodas. . . . Ah! elle é isso! ora espera. [E deitando a mão a uma borracha que tinha ao pé de si, bebeu dois tragos bem alentados, e depois de os beber, virou-se para os bésteiros]:

— Pois, camaradas, graças á Providencia Divina, a minha memoria não é tão má como eu cuidava. . . . Estava o nosso almogavar á borda do precipicio — não é assim camaradas? — e o cavalleiro distava d'elle obra de duas lanças, vai que ha-de fazer o almogavar? Dá um pulo como um tigre, e — zaz! — fica escarranchado na garupa do cavallo. Arca-me com o cavalleiro, e puxa daqui, puxa dalli, vem ambos elles a terra. Mas o almogavar ficou por cima.

— Ainda bem, ainda bem que o almogavar ficou por cima! [exclamaram os bésteiros].

— Ficou por cima, mas o cavalleiro não era para desprezar. Metteu a mão a um punhal que trazia; e se o almogavar não anda ligeiro, e lhe não segura o punho, era uma vez almogavar. Vai depois de lhe segurar o punho, pega daqui, luta dalli, arrancou-lhe o punhal da mão, e com quanta força tinha lho enterrou todo no peito. O cavalleiro entrou a golpear pela ferida um sangue negro, e o almogavar antes de lhe segundar o golpe, disse-lhe: «peccador, antes de morreres encommenda a tua alma a Deus para que te salve.» Eu não posso morrer, nem salvar-me — respondeu-lhe elle. Então o almogavar tirou do seio uma cruz, e disse-lhe: beija esta cruz. Mas apenas o cavalleiro viu a cruz, fez uma visagem horrenda, soltou um urro medonho, desprendeu-se do almogavar, levantou-se em pé, e correndo para a aresta do despenhadeiro, precipitou-se d'elle abaixo. O almogavar tambem se poz em pé, e ficou com os cabellos espetados, porque o cavalleiro, com quem combattera — Santo nome de Jesus! — era o diabo em pessoa.

— Jesus! Santo nome de Jesus! Exclamaram os bésteiros horrorisados.

Mas a esse tempo já a alva começava a branquear o tecto do quartel, os telhados das casas do burgo, e os corucheus das torres. Dahi a pouco atiraram os trons (::) do castello, annunciando a solemnidade daquelle dia. O almocadem fazia a chamada da sua companhia ou centuria, e ainda a não acabára quando recebem ordem do vigario para se reunir a outras companhias, e marcharem todas para a serra.

Que motivo era o da marcha?

Era que de noite tinham desertado, parte por descuido das sentinellas, parte por violencia que a estas fôra feita, uns cem homens da tiuphadia alavez: suppunha-se que para a serra, e que se iam juntar ao conde Véla que provavelmente lá se achava. Era porventura já resultado do trama que aquelle encommendára, e das instrucções que dera ao soldado que dissemos o fôra occultamente encontrar logo á sahida do burgo, no mesmo dia que sahiu

(::) Vid. Viardot. Essai sur l'histoire des arabes et des mores d'Espagne tom. 2.º desde pag. 147 até 155; Paquis Hist. d'Espag. tom. 2.º pag. 382, onde diz: *Dans l'art militaire, les espagnols etaient complètement les egaux de leurs ingénieux ennemis* [os arabes]; e S. Hilaire. Hist. d'Esp. tom. 3.º pag. 335 not. (2).

do burgo o tiuphado alavez. A generosidade de Fernão Gonçalves fôra mal retribuida; e o cartaz que este concedêra estava quebrado pelo proprio que o havia recebido. Expediram-se por isso ordens a todos os pontos do condado, a todas as cidades, villas e alfozes, a todos os castellos, e a toda a parte para que ninguem respeitasse aquelle cartaz, e para que qualquer homem do povo podesse prender o conde Véla onde quer que o encontrasse.

E os estralos e rolos de fumo dos trons do castello annunciavam a solemnidade de um grande dia. Mas era só a independencia do condado, ou era tambem a inauguração de um novo rei?

Não era a inauguração de um novo rei; porque Fernão Gonçalves tinha renunciado a esse projecto des que á uma hora da noite, em que o deixámos no quarto do seu palacio, lhe apparecêra o cadaver livido de um homem, que havia sido assassinado com outros dois homens no alto de uma montanha

Não será rei, mas valerá mais que os reis, pela gloria e o podêr.

Elle vai agora ao mosteiro de S. Lourenço armar cavalleiros, e nós partimos para a serra com a tropa que para lá marcha.

O touro de pedra.

No cimo da cordilheira que decorre desde Quintanapalla e Rioseras até Burgos, e em cujo extremo meridional está edificada esta cidade, erguia-se, nas eras remotas que descrevemos, um monumento do paganismo — um touro enorme de pedra (*). Divindade phenicia, ou celtica, symbolo de Saturno, ou do sol, o idolo colossal centenas e acaso milhares de annos fôra allumiado pelos astros do dia e da noite. Imperios, homens, cultos religiosos tinham mudado nesta carreira do tempo, e até a natureza em suas convulsões tinha engolido ou esbroado algumas montanha naquelles contornos. Mas o idolo do gentilismo todas as revoluções tinham respeitado. Conservava-se sobranceiro a ellas, immovel e imperturbavel como as pyramides do deserto.

Amparada ao touro de pedra, n'uma gruta feita pela natureza, alargada e embellezada toscamente pela arte, vivia uma tribu.

De quem se compunha ella? Do refugio que a sociedade de então de si rejeitava. Homens desherdados pela civilisação, ou perseguidos pelas leis, vinham alli acolher-se; vinham morar para as montanhas, como para um mundo afastado da policia social, e mais analogo aos tempos primitivos, abrigados á sombra tutelar de uma divindade semelhante ás que se adoravam na primeira infancia da terra. Não eram sómente malfeteiros ou ladrões de profissão que alli se acoutavam: eram escravos que se afforravam aos castigos crueis de seus senhores; proletarios sem officio, nem beneficio que procuravam escapar aos horrores da fome; devedores irresgataveis, a quem as leis condemnavam á escravidão; sentenciados a pena ultima, mutilação de membros, ou a outras infantantes, que tinham conseguido evadir-se; falsificadores de moeda ou d'outra especie; frades devassos e apostatas, feridos pela frecha das excommunhões; desertores; mulheres, umas degeneradas da natureza e rés da sociedade; outras puras aos olhos de Deus, e culpadas aos do mundo. Era um composto heterogeneo

(*) Paq. Hist. d'Esp. tom. 1.º pag. 8, &c.

onde, com bem poucos monstros condemnados sem appello por sanção divina e humana, se misturavam infelizes que a sociedade repellia com dureza, e cuja sorte protestava altamente contra o vicio e a injustiça das instituições politicas.

Entre elles viam-se muitos deformes, e mutilados por sentença. Um com um olho de menos; outro com um braço; aquelle com uma orelha; outro sem nariz; outro com a mão, o pé, ou o braço leso por tratos do potro. Estava alli a velhice com as suas caãs, e o tronco pendido para a terra; a idade varonil com a sua robustez; a juventude com o seu viço e esperanças; a puericia imberbe com os seus sonhos de innocencia; a malvadez irremediavel do précito com o seu sello indelevel; a virtude contrastada da fortuna com o seu gesto nobre e resignado; inculto por descuido do legislador, com a sua luz primitiva, e o seu typo immortal.

Quanto ao modo de vida da tribu o genio era o roubo e a caça.

Mas não se limitava a isto. Como na quadrilha havia muita casta de gente, tambem havia vestidos de toda a especie, de romeiro, de frade, de soldado, &c. E nos trajos de romeiro e de frade sahiam na primeira madrugada alguns dos ladrões a pedir pelos alfozes circumvisinhos. Recebendo esmola, iam de caminho notando a tulha, a adega, o casal, ou a choupana mais asados para um assalto nocturno; e lá ia enriquecer a dispensa da tribu o peru, o pato, a galinha, o carneiro, o marão, o sacco de trigo, o cabaz de fructa, a quartola de vinho, o odre de azeite; quando não era dinheiro, que era menos vezes.

E como acontecia algum roubo destes, e de monta, dizia-se pelos alfozes: *foi a quadrilha da serra: muito ladrão ha na serra!* Mas não se sabia em que lugar da montanha era o paradoro delles: e era voz que mudavam frequentemente de pouso. Lá que o covil fosse ao pé do touro de pedra, isso nem por sonhos se aventava. Por alli não se fazia caminho. Nunca lá ninguem tinha ido, nem se atreveria a ir. E a respeito daquelle emblema do paganismo corriam entre o povo rumores vagos e sinistros de maleficios e encantamentos, que os velhos contavam aos moços, e os paes aos filhos com terror.

Segura por este lado mais do que estava a quadrilha não era possivel. Sem embargo disso precitava-se de toda a pesquisa. De dia se apparecia algum bandido, era com o disfarce que já dissemos, ou n'outro igual, e tendo sempre o cuidado de sahir da toca ante-manhaã. De noite, velava-os a noite.

Havia alli, como na mais estreme republica, igualdade de vestuario, igualdade de comida, igualdade de condição. Superior só era o capitão, depois deste o seu tenente ou immediato; e depois do tenente quatro ajudantes, ou executores de ordens.

Alli todos trabalhavam para todos, cada um segundo o seu prestimo. Vestiam pelles de carneiro, calçavam tamancos de páu.

Alli viviam, alli nasciam, alli morriam.

E o capitão era o summo poder, a summa intelligencia, o pai e o bemfeitor da quadrilha. Elle os castigava; elle os premiava; elle os curava; elle lhes dizia missa; elle os confessava; elle os casava; elle os baptisava; elle os agonisava. Elle ou o seu immediato, ou na falta de ambos algum outro em quem o cabeça delegava os seus poderes.

Era uma noite. Passava das dez. O capitão tinha sahido da caverna. Estava sentado junto ao touro de

pedra; e vigiava. Tinha deitado, segundo o costume, quatro cães a explorar; cada um em sua direcção; e um delles, *maluco*, voltava sem ladrar, segundo eram emmestrados. Mas chegando ao pé do ladrão, deu uma carreira a alguns passos d'elle, tornou a dar outra para elle, ganiu surdamente, mexeu a cauda, e emfim mostrou todos os signaes de que tinha farejado alguma caça. *Caça de bipedes*, é escusado adverti-lo; porque estes quatro cães não buscavam d'outra.

— Escuta, *maluco*.» Disse o ladrão para o animal. O animal poz-se quieto, assentado sobre as patas posteriores, com as dianteiras em pé, as orelhas fitas, os olhos bem abertos, e o focinho no ar. E o ladrão deu um salto para cima do touro de pedra, debruçou-se sobre elle, deitou a cabeça sobre a cabeça do idolo, e poz-se a escutar, e tomar o vento com o instincto de uma féra.

Neste tempo voltou de outra direcção outro cão explorador; deu os mesmos signaes que o primeiro; e á mesma voz do dono ficou-se quieto como o seu camarada.

O capitão entrou a sismar, porque a volta do segundo cão denotava andar gente na cordilheira em mais de uma direcção.

Tornou a applicar o ouvido que era muito agudo, e sentiu ao longe o que quer que fosse que condizia com o annuncio dos dois exploradores. Dahi a pouco pareceu-lhe ouvir o nitrido de cavallos.

— Escuta!» Disse então para o seu tenente que estava ao pé d'elle.

— Escuta!» Disse o tenente para outro ladrão que tambem alli estava.

— Escuta!» Repetiu o ladrão para outro companheiro junto d'elle — porque alli estavam quatro homens vigiando todos. — E o ultimo correndo á caverna, repetiu dentro a mesma voz de silencio.

— Escuta!» Disseram então os homens da caverna uns para os outros; e largaram diferentes tarefas ou divertimentos em que se occupavam, porque faziam mais ou menos ruido.

— Escuta!» Disseram as mulheres para as creanças que tinham ao collo; e deram-lhes de mamar para se callarem.

Toda a quadrilha estava álerata.

O capitão vigiava, e de repente disse para o segundo:

— Vinte espadas.»

Então o segundo desceu ao subterraneo, e começou a executar a ordem por estas palavras:

— Espadas a um lado.»

Todos os homens de armas passaram então para um lado da caverna; todos os mais que não eram combatentes com as mulheres e creanças passaram para o outro. E o tenente escolheu dentre os primeiros vinte dos mais esforçados que se armaram promptamente uns de espada, outros de lança, alguns de facha, alguns de bipenne, e todos de arcos e settas: e sahiram da gruta.

O capitão apontou para duas arvores que estavam defronte do touro de pedra a duzentos passos, linha recta, sobre uma ondulação da serra, mas na distancia real de quatrocentos porque era preciso vencer uma descida e subida ingreme para lá chegar; e indicando a dois dos homens de armas que haviam de alli ir postar-se, disse para elles:

— Acolá. Avinde-vos lá com a caça, sosinhos, se poderdes. Se não poderdes, e virdes que bستا uma pequena parte da força que aqui está, retirai-vos dando um assobio. Mas se virdes que é tropa, e

que somos perseguidos, recuai não tão de vagar que vos alcancem; comtudo de modo que vos sigam, e que o inimigo venha sobre os vossos passos até áquelle desfiladeiro [e apontou-lho].

Os homens partiram, e o capitão mandou emboscar o resto da força commandada pelo immediato n'uma pequena chaã coberta de carvalhos sobranceira ao desfiladeiro, mas muito proxima d'elle. Alli collocados podiam os ladrões muito a seu salvo deter e até aniquilar uma força dez vezes maior que a delles.

Dahi a pouco voltaram os outros dois cães da sua exploração, e deram o mesmo rebate que os primeiros tinham dado.

Então o capitão entrou a desconfiar, e mais desconfiou quando de improviso viu accenderem-se almenaras em differentes pontos da serra. Já não admittia duvida que a serra era batida por tropa. Mas no horisonte ainda avultava um grande arco, que não era alumiado senão dos raios da lua e das estrellas; e dentro d'esse grande arco estava o coito dos bandidos. Ao contempla-lo diminuiam um tanto as apprehensões do capitão.

E que faziam os dois bandidos que estavam de avançada ao pé das duas arvores? Vigiavam silenciosos, encostados a ellas. Mas breve romperam o silencio:

— A modo que sinto ramalhar aqui perto, camarada?

— E eu tambem.

— Escuta! Parece-me divisar dois vultos que vem andando para nós. Vê-los?

— Vejo.

— Repara! É um homem e um cavallo. Não ouves nitrir o cavallo?

— Não ha duvida.

— E traz armas.

— De certo as traz, porque lhas vejo luzir.

— Então retiremo-nos.

— Não.

— Não? Queres que nos surprendam?

— Calte lá. Com um poderíamos nós, ainda que viesse montado. Mas elle traz o cavallo á mão. Vamos a ver o que é.

— Pois seja assim.

— *Amigo!* [Gritou o vulto ao divisar as avançadas, ainda a bastantes passos de distancia].

— Que diz elle? [Perguntaram um ao outro os dois ladrões].

— *Amigo!* [Tornou a bradar já mais proximo, a distancia que perfeitamente se ouvia].

— Vamos a cumprimentar com duas frechadas este nosso *amigo?* [Disse um dos ladrões para o companheiro. E preparava já o arco].

— Accommoda-te lá, homem [lhe tornou o outro]: não sejas tão impaciente: vamos a ver o que daqui sahe.

— *Amigo!* [Gritou pela terceira vez o cavalleiro já a dez passos das avançadas].

— Ó lá! Faze alto, e rende as armas no mesmo instante [lhe tornaram os dois, mettendo os arcos á cara].»

O soldado largou no chão as armas que trazia, e continuou caminhando para elles.

— Faze alto, tu não ouves, bruto? ou tens muita pressa de morrer?

— Se eu me rendi, venho entregar-me.

— Ah! Tu lembras-te de logica nestas alturas! [lhe disse o bandido que tinha sido frade, e estudado Aristoteles]. Toma lá.» E respondeu com um

syllogismo de ferro ao enthymema que o soldado fizera sem se sentir. A frecha despedida foi embeber-se no pescoço do cavallo, porque o soldado esquivou-a cosendo-se com este. O animal exasperado com a dor deu um repellão violento, derrubou o dono, e abalou a correr pela serra. E os dois ladrões n'uma carreira estavam já de volta com o soldado. Levantaram-no ainda um tanto aturdido da queda: e elle as primeiras palavras que proferiu, foram estas: — o meu cavallo! o meu cavallo! deixem-me assobiar ao meu cavallo, a ver se elle volta. —

— Assobiar! Não has-de assobiar. Primeiro te havemos nós de cortar a lingua.

— Então o que hão-de cuidar os meus camaradas, se o animal lá fór ter sem mim!

— Ah! Pois tu deixaste emboscados os teus camaradas, e vinhas para armar algum laço á quadri-lha, desavergonhado! Então morre já aqui, traidor.

— Esperem lá, esperem lá, não me matem, ouçam-me primeiro, que não sou nada do que estão dizendo.

— Pois então quem és tu? que vinhas aqui fazer? quem são os teus camaradas? quantos são? onde estão? que vem elles procurar na serra a estas horas da noite?

— Somos perseguidos: vimos procurar asylo. Mas deixem-me assobiar ao meu cavallo.

— Ah! Tu teimas em querer assobiar ao teu cavallo, patife! Tu o que queres é dar signal aos teus camaradas para sahirem da emboscada, traidor!

— Juro por Christo que não sou o que suspeitais. Levai-me ao capitão: elle conhece-me. Não posso dizer-vos mais nada; porque o recado que trago é só para elle. Mas deixai-me chamar o meu cavallo.

— Ainda insistes! Pois morre! [E os dois ladrões alçavam as espadas para o matarem].

— Detende-vos por Deus [lhe disse o soldado]: sou da tiuphadia do conde Vêla: o conde está a duzentos passos daqui com cem dos nossos. Somos perseguidos pelas tropas do conde de Castella.

— O conde Vêla! [Exclamou então aquelle dos dois ladrões que tinha soltado a frecha] onde está elle? onde está elle? Quero salva-lo.

— Que estás tu dizendo, Antonio? [Disse para elle o companheiro com ar attonito, e com expressão em que havia o que quer que era sombrio: e Antonio continuou]:

— Dormi nos seus almadaques; assentei-me á sua meza; recebi os seus carinhos; e ouvi-lhe os seus peccados. Fui seu confessor. Quero salva-lo.

— Tu lembras-te do que foste, e esqueces-te do que és! [lhe tornou o ladrão, arrancando um rugido surdo].

(Continuar-se-ha).

MUITAS vezes os homens se fazem grandes porque tudo o que os rodea é pequeno. — O cardeal de Richelieu, dizia o cardeal de Retz, formou um fundo de todas as ignorancias dos dois seculos anteriores para d'elle se servir segundo seu intento: revestiu a auctoridade real de maneiras uteis ou necessarias, e mascarou assim o despotismo; serviu-se atiladamente do desarmamento interno dos protestantes, da fraqueza do imperio, da incapacidade da Hespanha, e fundou, dentro da mais legitima das monarchias, a mais perigosa e escandalosa tyrannia a que jámais um Estado esteve sujeito. Foi elle o primeiro ministro que introduziu o punir os magistrados por proferirem verdades a que os obrigava seu juramento até exporem a vida.